

# Contemplação

## EMPATIA

A empatia é uma condição humana, mas há espaço para ela na arte digital?

08

## DEAMBULAÇÃO

De Europa a Eiffel: um ensaio fotográfico à procura da Europa na cidade

16

## DESPERTAR

“Já não chega dizermos de Braga que é uma cidade de portas abertas” Pedro Morgado

36

## criação

Centenário de Maria Ondina Braga: Atrás de uma montanha está outra

54





Se nos estás a ler é porque acabaste de praticar a **contemplação**. Contemplaste a capa desta revista pousada num qualquer lugar e agiste no sentido de a folhear até nos encontrarmos aqui, neste momento em que escrevemos e tu lêes. Contemplamos as palavras e agimos na sua composição, na sua ordem, na sua leitura atenta. Estamos agora, nós, a partilhar um *Tempo de Contemplação* e na Braga'27 queremos que seja sempre assim simples. Mas sabemos que não o é. Passamos os nossos dias no limite do tempo. Parar para contemplar é raro. E, se pensarmos bem, também não agimos. Antes reagimos às solicitações que nos chegam a mil à hora de todos os lados. Reagimos às urgências no trabalho, às tarefas de casa, às rotinas com a família. Reagimos às notícias, às publicações, ao *plim!* do telefone. Sim, reagimos rápido, a falta de tempo tornou-nos profissionais no salto precipitado e de cabeça alta para conclusões, julgamentos, opiniões, observações várias sobre quase tudo. E de **contemplação**, nada. Talvez seja porque o verão se acercou de Braga iluminando até o granito mais cinzento, que hoje acreditamos ser possível começar de novo. Façamos então da estação do descanso a estação do recomeço, os longos dias em que nos iniciamos na prática do *Tempo de Contemplação*. Não é, afinal, nas férias que prometemos fazer tudo aquilo que temos vindo a adiar?

Mas o que é o *Tempo de Contemplação*? Como se faz? Preparámos um exercício simples para iniciantes da contemplação. Vais ver que depois de o aplicares no teu dia a dia será difícil voltar atrás.

### *Tempo de Contemplação*

Tempo de parar



Olhar para além do que vês



Tempo de agir

Começa por encontrar o tempo e o espaço que, para ti, significam parar. Pode ser a praia, a cadeira de esplanada, um penedo na montanha, o balcão do bar, um banco de jardim, o teu sofá, a relva fofinha do parque, até pode ser o intervalo do trabalho. Detém-te o tempo suficiente para olhares com atenção o que te rodeia, pessoas e objetos. De certeza que vais reparar em absolutas novidades que até aqui nunca te tinham saltado à vista. Vais encontrar beleza em muitas situações. Vais descobrir coisas que te fazem sorrir ou mesmo rir. Vais também deparar-te

com injustiças, diferenças, momentos que te vão fazer sentir triste. Quando chegares aqui, chega também o tempo de agir. Se encontras beleza, retribui em beleza. Se ris ou sorris, faz rir de volta. Se é injusto, procura tornar justo. Se é diferente, tenta entender porquê. Se te causa tristeza, percebe se é possível inverter em alegria. Repete. Repete. Repete.

A Braga'27 escreveu esta revista para te dar a conhecer o *Tempo de Contemplação*. Leva-a contigo, oferece-a a alguém, vai lendo sem pressa. Porque contemplar e agir não tem fim. É um caminho que te acompanha nas quatro estações.

# 12

O MEU DIÁRIO  
DO OUTRO

# 08

ARTE DIGITAL  
E EMPATIA  
Sara Borges

# 30

25 TRILHOS  
PEDESTRES DE BRAGA

# 16

BRAGA:  
DE EUROPA A EIFFEL  
Lais Pereira

# 32

O TEU TRILHO  
DE TODOS OS DIAS

# 36

UMA CULTURA  
QUE TRANSFORMA  
Pedro Morgado

# 58

A TUA PÁGINA  
EM BRANCO

# 54

ATRÁS  
DE UMA MONTANHA  
ESTÁ OUTRA  
Maria Ondina Braga

# 40

CINCO TEMPLOS  
DE CONTEMPLAÇÃO

# 60

CAPITAL EUROPEIA  
DA CULTURA







# ARTE DIGITAL E EMPATIA

Sara Borges

08

Acredito que ocupar lugares de fala e de escrita deve acontecer quando julgamos ter efetivamente algo a dizer. Por isso, quando surgiu o convite da Braga'27 para ocupar este espaço, apesar do meu inicial e entusiástico “sim”, cedo a dúvida começou a instalar-se. É que escrever sobre o cruzamento entre arte digital e empatia exige um certo grau de responsabilidade. Primeiro, porque para falar do universo digital certamente existirão pessoas muito mais capazes do que eu. Depois, porque empatia é um conceito que acredito ser relativamente comum e sobre o qual praticamente todos teremos algo a dizer. No entanto, existia uma premissa neste desafio, que era a de articular estes conceitos à luz da experiência do Circuito – Serviço Educativo Braga Media Arts. E isso sossegou-me. De facto, o Circuito tem sido muito da minha vida nos últimos três anos. Se não do ponto de vista científico, pelo menos do ponto de vista empírico, decidi ganhar a coragem de colocar os pensamentos no papel e à vista de todos.

Comecei por questionar o que significa, afinal, empatia. Para mim, era simples: empatia é a capacidade de me colocar no lugar do outro. Mas, ao questionar algumas pessoas próximas sobre o que significava para elas empatia, fui recebendo dois tipos de respostas. As que se alinhavam com a minha visão e as que privilegiavam a empatia enquanto uma espécie de ligação especial com alguém. Ao estender a minha busca ao mundo digital, descobri o trabalho da Professora e Investigadora Brené Brown<sup>1</sup>, que nos oferece uma das mais bonitas definições de empatia com que já me deparei – a de que a empatia é a capacidade de “sentir com o outro” (*empathy is feeling with people*). E esbarrei com uma outra palavra, também frequentemente usada pela mesma autora, que parece coser todas estas ideias: a conexão. Afinal, todas as diferentes definições de empatia que estas pessoas gentilmente me foram cedendo se interligam neste ponto. São definições que transformam a empatia em algo de multidimensional e complexo – não estivéssemos nós a falar de uma ideia tão humana quanto esta.

E como é que este conceito coexiste com o mundo aparentemente intangível das artes digitais?

De uma forma genérica, a definição de arte digital remete-nos para a criação artística através de elementos tecnológicos digitais. Na realidade, temos ainda a tendência de pensar na arte digital como um mundo abstrato, mas a verdade é que esta tecnologia nos ocupa os dias de uma forma inquestionável. Desde as redes sociais aos negócios, da segurança à educação, ou mesmo à forma como consumimos música e cinema, o digital não é apenas mais um recurso. Ele é parte intrínseca da nossa vida contemporânea. Ao incorporar esta tecnologia na sua prática, os artistas têm a capacidade de romper com o real e de criar novos mundos.

O Circuito – Serviço Educativo Braga Media Arts existe desde setembro de 2019, mas começou a ser pensado e desenhado muito antes disso. Este é um projeto que se dedica a criar relações entre pessoas, arte e tecnologia. Para isso, propõe uma série de atividades pensadas para públicos muito diversos, desde oficinas para famílias ou escolas, formações de professores, *workshops* ou *masterclasses* para adultos, espetáculos para crianças ou projetos com comunidades específicas. No contexto do Circuito, a tecnologia é recurso ou fim em si mesmo. O digital é visto como um estímulo à criatividade, um potenciador de novos encontros e diálogos.

Em 2021, com o país ainda a processar novos confinamentos e restrições, o Circuito desenvolveu um projeto, em conjunto com o gnracion, que juntou alunos da Licenciatura de Artes Visuais da Universidade do Minho, utentes da CERCÍ Braga e os artistas britânicos Mark Fell e Rian Treanor. O *Inter-Symmetry* resultou em vários encontros online, nos quais os participantes trabalharam em torno da criação sonora generativa, através de um dispositivo virtual criado pelos próprios artistas. No mesmo ano, a Casa de Saúde do Bom Jesus abria-nos as suas portas para que lhe pudéssemos levar o *Perto*, um projeto com a intenção de promover a prática musical junto de pessoas institucionalizadas. Também recorrendo a dispositivos digitais, a *ODE* (Orquestra de Dispositivos Eletrónicos) tem agrupado, anualmente, diferentes pessoas, de diferentes contextos, em torno da criação de música através de instrumentos digitais. Já em 2022 e no âmbito do *Mini Mapa Sonoro*, projeto âncora do Circuito e promovido em conjunto com o Município de Braga, foram criadas ligações entre turmas locais e alunos de outras cidades da Rede de Cidades Criativas da UNESCO para as Media Arts – Cali, Campina Grande, Changsha e Austin. Através de um trabalho remoto, os alunos



trocaram sons das suas cidades, que eles próprios captaram, e criaram mapas colaborativos em que a visão de uns ilustra o escutar dos outros e vice-versa. Este processo culminou em encontros virtuais entre os alunos destas diferentes geografias.

Se todos estes projetos estão dentro do domínio (único) das artes digitais? Talvez não. Mas, para mim, estão dentro do amplo campo da empatia.

Um programa educativo ou de mediação, como o que o Circuito se propõe a desenvolver, é, sobretudo, um lugar de diálogo. Deve partir da consciência de que não está a *dar* a conhecer, mas antes a criar pontes entre universos que podem ser distantes e, até, dissonantes. Em 2014, Emily Pringle<sup>2</sup>, Diretora de Investigação da *Tate* (instituição britânica que alberga quatro galerias de arte), escrevia sobre como a sua equipa tinha identificado o amor como uma das motivações para a sua prática profissional. Apesar de uma estranheza inicial, Pringle conclui que o amor – esse mesmo – pode trazer um “comprometimento emocional e intelectual ao que fazemos; que o amor representa o grau de empenho que temos de imprimir no nosso trabalho para garantir a sua mais alta qualidade”. E haverá capacidade de empatia sem este amor?

Nunca tive a experiência de ser formadora, nem tão pouco sou artista. No entanto, tenho acompanhado artistas-mediadores-formadores em contexto de trabalho desde há pelo menos oito anos. E pude perceber, ao longo deste tempo, que a capacidade de conexão com o outro é algo fundamental quando trabalhamos em projetos desta natureza. Como alguém que habitualmente se remete ao espaço de observadora destas dinâmicas, é muito interessante perceber que, geralmente, os projetos que têm maior sucesso (e aqui o sucesso não é forçosamente proporcional ao número de bilhetes vendidos) são aqueles cuja interação é verdadeiramente humana, dialogante e horizontal. Em que o participante se sente realmente implicado na ação e em que a sua voz é efetivamente ouvida. Bréne Brown fala-nos ainda de um terceiro conceito e de como ele é extremamente importante – e tantas vezes difícil e incómodo – para atingirmos a verdadeira empatia: a capacidade de sermos vulneráveis face ao outro. A palavra vulnerabilidade é geralmente usada com uma conotação menos positiva. No entanto, é neste lugar de não julgamento dos outros, mas sobretudo de nós próprios, que as ideias criativas podem florescer e crescer em conjunto. Outro dos aspetos que sempre me surpreende é a capacidade que estes artistas-mediadores-formadores têm de plantar uma semente sem saberem muito bem que fruto romperá. A capacidade de se colocarem, também eles, num espaço de observação onde o que importa é o outro. Esta vulnerabilidade de aceitar que o caminho não está traçado à partida e que a chegada é uma colheita coletiva.

Desde sempre que temos tentado humanizar a experiência digital, seja através de Inteligência Artificial cada vez mais complexa, seja através de dispositivos que nos permitem encurtar distâncias físicas. Esta necessidade de humanização é tão presente, que investigadores e programadores têm recentemente desenvolvido trabalho em torno da empatia digital. Mas a empatia (ainda) é uma coisa muito humana. Seja nas artes digitais, nos programas de *mediação*, ou em qualquer outro meio, a empatia existe porque alguém *vê* o outro – seja esse outro humano ou não humano. Então, o clichê está à vista: somos seres sociais e é da nossa natureza procurar esta conexão. Tenhamos tempo para olhar o outro e a braveza de nos deixar descobrir.

1. Brown, Brené. (2013). *The Power of Vulnerability*. Disponível em [www.theresa.org/video/events/2013/07/the-power-of-vulnerability](http://www.theresa.org/video/events/2013/07/the-power-of-vulnerability)
2. Pringle, Emily. (2014). *Art Practice, Learning and Love: Collaboration in Challenging Times*. Disponível em <https://www.tate.org.uk/research/research-centres/tate-research-centre-learning/art-practice-learning-love>

Consultado a 20.05.2022

# O MEU DIÁRIO DO OUTRO

Usa as páginas seguintes para, todos os dias, recolheres um momento que te marcou relacionado com o outro. Pode ser um outro conhecido ou desconhecido, pode ser um som, uma imagem, uma conversa ou uma palavra, uma roupa, uma língua estranha, um gesto, um desconforto. No final, olha para todo o diário preenchido e pensa: Quais foram os momentos a que reagiste? Defendeste? Apoiaste? Criticaste? Sentiste empatia? Quais te confundiram? Quais foram numa língua que não percebes? Quais te fizeram sentir triste? E alegre? Quais te fizeram pensar numa coisa pela primeira vez? De quais tiveste medo?

Se quiseres, conta alguns destes momentos a alguém. Podes partilhar connosco o resultado, fotografando o diário e enviando para o [info@braga27.pt](mailto:info@braga27.pt)

SEGUNDA-FEIRA
TERÇA-FEIRA
QUARTA-FEIRA
QUINTA-FEIRA
SEXTA-FEIRA
SÁBADO
DOMINGO

SEGUNDA-FEIRA
TERÇA-FEIRA
QUARTA-FEIRA
QUINTA-FEIRA
SEXTA-FEIRA
SÁBADO
DOMINGO



SEGUNDA-FEIRA
TERÇA-FEIRA
QUARTA-FEIRA
QUINTA-FEIRA
SEXTA-FEIRA
SÁBADO
DOMINGO

SEGUNDA-FEIRA
TERÇA-FEIRA
QUARTA-FEIRA
QUINTA-FEIRA
SEXTA-FEIRA
SÁBADO
DOMINGO

BRAGA:  
DE EUROPA  
A EIFFEL  
Lais Pereira

Uma historiadora sugeriu em tempos que as nações se caracterizam eficazmente através de uma *check-list* de elementos. Um “sistema IKEA”. Um kit-faça-você-mesmo. E não é assim tão arriscado dizer que acontece o mesmo com as cidades, quando se trata de distingui-las: quantas vezes não sugerimos a quem visita Braga pela primeira vez que passeie pelo centro histórico, para encontrar vestígios de uma continuidade temporal, rica em reconhecíveis antepassados e vestígios milenares de ocupação humana, que partilham território com restaurantes que servem comida tradicional acompanhada de um vinho verde fresco? Com sorte, um passeio até à Avenida Central para olhar o Bom Jesus ao fundo, deixando no olho uma sugestão de verde Minho, pode ainda deixar os bombos e os sinos de igreja a ressoar no ouvido, a acompanhar uma demonstração de um rancho folclórico, trajado a rigor, junto ao coreto que resiste a arranjos urbanísticos de intenção mais cosmopolita. A história, a gastronomia, a paisagem, a cultura popular, são tudo coisas que utilizamos habitualmente para caracterizar uma cidade qualquer. Ou um país.

Mas fica a pergunta: sem perder de vista esta estratégia simbólica, se quiséssemos mostrar Braga enquanto cidade europeia, para onde seguir caminho? As respostas podiam ser outras (e até que a estratégia do *kit* não funciona) mas, à procura da Europa na cidade, as fotografias que acompanham este texto foram recolhidas no eixo entre duas construções particularmente simbólicas para o assunto que aqui nos ocupa, a Torre Europa e o Edifício Eiffel. Simbólicas não só por causa dos seus nomes e dos lugares de outros mapas que evocam, mas porque representam uma espécie de terreno comum à paisagem citadina europeia, ao fazer um convite a que se rume até à orla urbana da cidade.

Este ensaio resulta de um percurso trilhado a pé, ao longo de vias pensadas para escoar o trânsito automóvel. Parece uma coleção de estradas, carros e fragmentos de prédios. Mas acaba por representar também um certo imaginário comum com a experiência europeia ao sugerir que nela também se atestam desafios como os da habitação, da mobilidade e da disputa territorial entre estas infraestruturas e os espaços verdes; da segurança, da qualidade de vida, das migrações e do turismo; do planeamento urbano e do resquício baldio; do tempo de descanso e da velocidade das rotinas; do obsoleto, da necessidade de renovação e da valorização patrimonial; do espaço público, do espaço privado e daquele que persiste algures entre os dois. Um denominador comum sobre o qual é incontornável refletir, neste momento em que Braga se quer Capital Europeia da Cultura.

























EDIFICIO  
EIFFEL

ageas seguros

ageas seguros

ageas seguros

ageas seguros

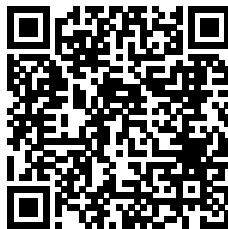
Día de la Seguridad



# 25 TRILHOS PEDESTRES DE BRAGA



Na cidade, na periferia ou pelas freguesias de Braga encontras diferentes trilhos que te levam pelo património histórico e natural do concelho. Por montes e vales, rios e pontes, igrejas e miradouros, ruas de pedra e veredas estreitas, vamos descobrindo aquela Braga que por vezes nos esquecemos que existe. Pelo caminho, encontramos também o tempo para contemplar e recuperamos a energia para agir em sintonia com o que está à nossa volta. Estes são trilhos onde os nossos pensamentos se perdem, e o nosso corpo e mente se encontram. E onde Braga se mostra em todas as suas contradições, acompanhando-nos a cada passo.



Usa o QR Code para descarregar a Rede de Percursos Pedestres de Braga e, se quiseres, conta-nos como foi em [info@braga27.pt](mailto:info@braga27.pt) ou com os *hashtags* #braga27cec e #templodedeambulacão.

# O TEU TRILHO DE TODOS OS DIAS

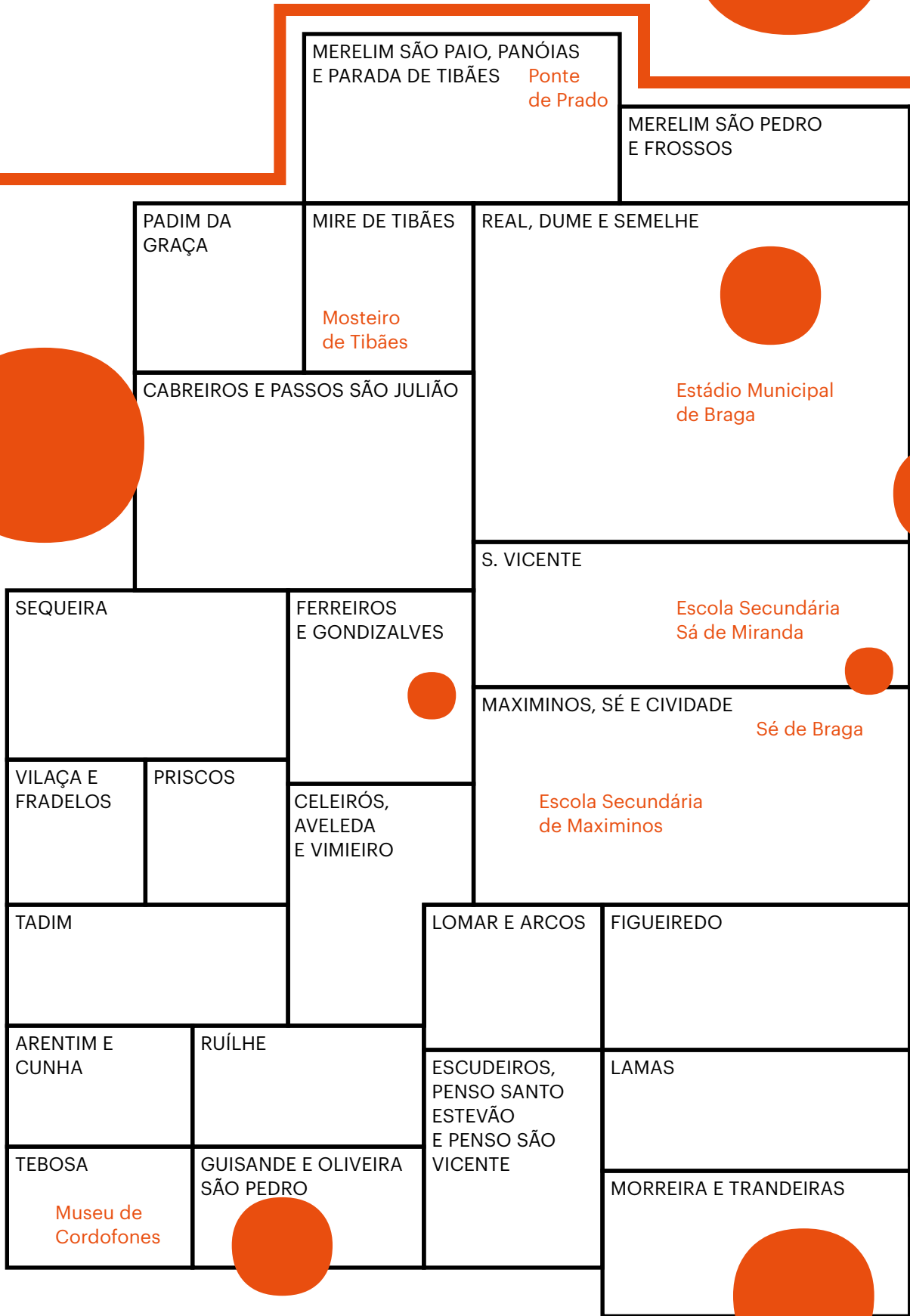
Todos nós temos um trilho de todos os dias. É o caminho que fazes entre a tua casa e o local onde vais com mais frequência. Pode ser o teu local de trabalho, a tua escola, o teu café, a casa de alguém. Nas próximas páginas encontras um mapa simplificado de Braga. Usa-o para assinalar o teu trilho fazendo um tracejado entre os dois pontos. Sinaliza o que para ti são locais de contemplação nesse trajeto, anota o tempo que demoras e a forma como te deslocas habitualmente.

Se quiseres, partilha o teu trilho conosco em [info@braga27.pt](mailto:info@braga27.pt) ou com os *hashtags* #braga27cec e #omeutrilha

VILA VERDE

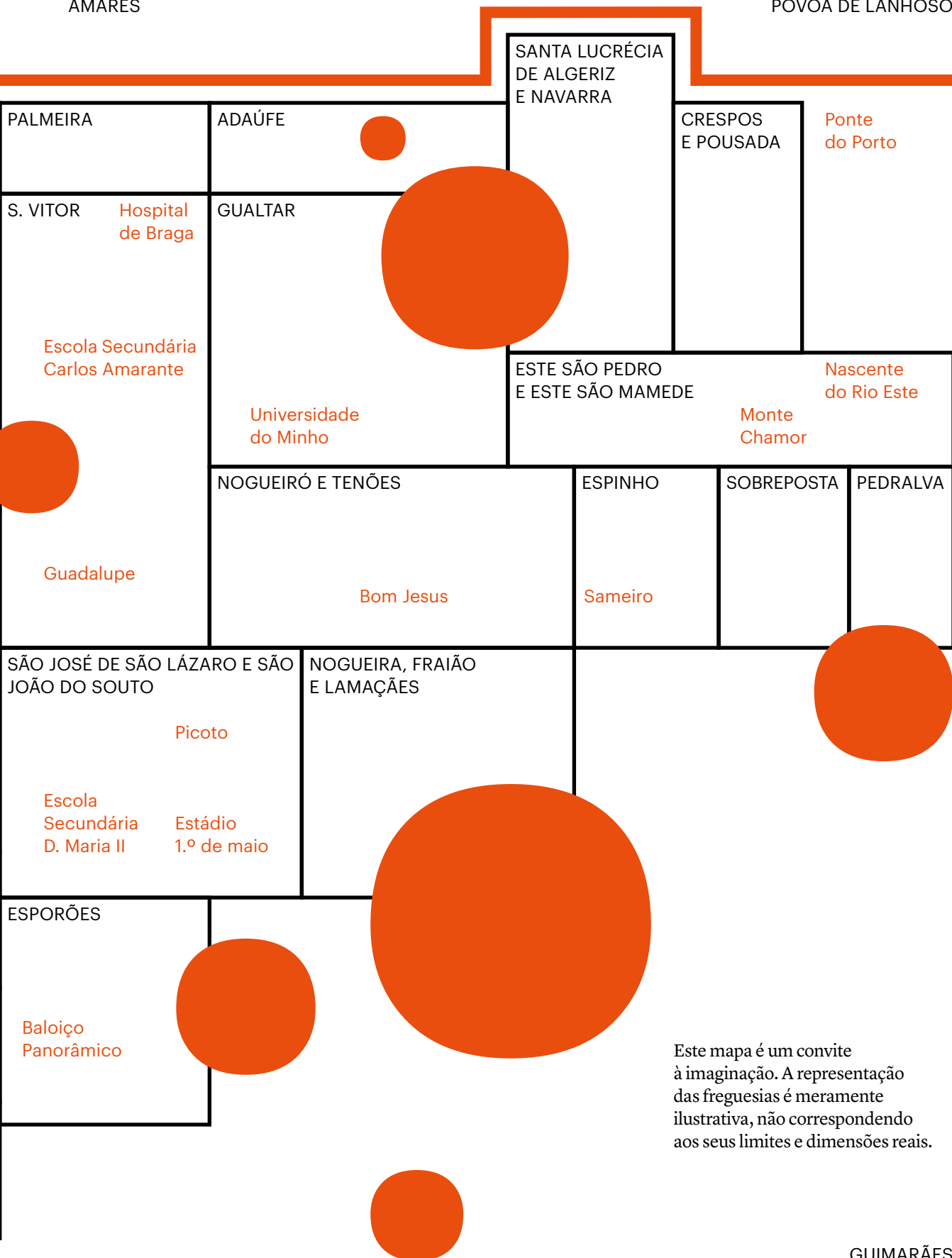
BARCELOS

VILA NOVA DE FAMALICÃO



AMARES

PÓVOA DE LANHOSO



Este mapa é um convite à imaginação. A representação das freguesias é meramente ilustrativa, não correspondendo aos seus limites e dimensões reais.

UMA  
CULTURA QUE  
TRANSFORMA  
Pedro Morgado

O ser humano do século XXI vive esmagado entre o *burnout*, a discriminação, as desigualdades, as alterações climáticas, o medo do fracasso, a ameaça da competição e a promessa da autossuficiência. Defronta-se com estes desafios num corpo que evoluiu a fugir de leões e não para confrontar moinhos de vento. Mais do que físicos, os fantasmas do homem da Europa do século XXI são psicológicos.

Além disso, vivemos um tempo caracterizado pela fragilidade das relações sociais. A era das redes sociais substituiu a qualidade pela quantidade, afogando-nos num excesso de conexões superficiais que não se estabelecem entre as pessoas que existem, mas entre os papéis que escolhemos representar no espaço virtual. Em vez de usufruirmos de cada momento passámos a vivê-lo para mostrar que o usufruímos.

Esquecemo-nos que a pressa de experimentar tudo antes de todos nos tinha já condenado a meros consumidores de experiências e emoções de que, verdadeiramente, não usufruímos.

Como psiquiatra, deparo-me diariamente com as consequências nefastas destas contrariedades, que se manifestam num aumento significativo da prevalência de problemas de saúde mental e que fazem de Portugal um dos países com taxas mais elevadas de doença psiquiátrica da Europa. Problemas que já existiam antes de 2020, mas que a pandemia agravou de forma expressiva.

Na primeira vez que me cruzei com a Candidatura de Braga a Capital Europeia da Cultura, imaginei um projeto em que a Cultura se assumia como força transformadora

de uma comunidade, como desenvolvimento terapêutico para cada ser humano que nela participa e como visão que se projeta do Norte de Portugal, do Noroeste da Península Ibérica para a Europa.

E o que precisa o ser humano do século XXI senão de um tempo de contemplação que conduza inexoravelmente para a ação necessária à transformação da nossa cidade no contexto europeu e à valorização de cada pessoa nas suas diferenças?

Um dos pontos fortes da candidatura é a visão de uma Cultura que promove ativamente a Saúde e, em particular, a Saúde Mental. Sabemos hoje que a saúde mental é muito mais do que a mera ausência de uma doença psiquiátrica. E sabemos também que a promoção da saúde mental se concretiza na forma como se tecem as relações interpessoais, como cada pessoa é respeitada na sua singularidade, como se constroem as narrativas públicas, como se desenham as cidades, como se expandem os espaços verdes, como se promovem as formas de mobilidade sustentável, como se fomentam os laços entre os membros das comunidades locais, como as pessoas se apropriam dos espaços públicos agora ocupados pelo betão e o asfalto, como se melhoram as condições habitacionais ou como se promove o acesso à participação cidadã na construção e produção de experiências culturais, em alternativa ao simples consumo de espetáculos culturais.

A cultura, as artes plásticas, a expressão dramática e a música assumem uma importância fundamental no



processo comunicativo, no desenvolvimento psicoafetivo, na educação e na mediação da expressão emocional. Porque não há contemplação sem introspeção, a proposta de Braga'27 propõe iniciativas que se destacam pelo seu impacto na promoção da saúde mental das comunidades envolvidas.

Acredito que esta candidatura tem o potencial necessário para transformar o interior de cada pessoa através da cultura, para mobilizar a comunidade reforçando os seus laços e para afirmar Braga enquanto cidade de Cultura na Europa, mas sobretudo com a Europa.

Porque já não chega dizermos de Braga que é uma cidade de portas abertas. Precisamos de construir uma comunidade que não se fecha nas portas de cada casa, que não se barrica dentro das portas de cada carro e que não se esconde atrás das portas da língua, da crença religiosa ou da opção política. Porque, como se lê na candidatura, “a cultura é o que impede que todas as portas se fechem, sejam físicas, emocionais ou espirituais.”

No passado dia 8 de março de 2022, a delegação de Braga rumou a Lisboa para se apresentar perante o júri internacional da candidatura a Capital Europeia da Cultura. Da fase de pré-seleção, fez parte uma audiência com o júri onde cada delegação teve 45 minutos para apresentar o seu dossier de candidatura e 45 minutos para responder a questões e dúvidas do painel de jurados. Para além de elementos da equipa de candidatura, a Braga'27 convidou habitantes de Braga que falaram sobre a sua experiência profissional, enquadrada no conceito de *Tempo de Contemplação*. O psiquiatra Pedro Morgado integrou esta delegação com o texto que partilhámos acima.

DESPERTAR

CINCO

TE

DE

CON

AÇÃO

# MPLOS

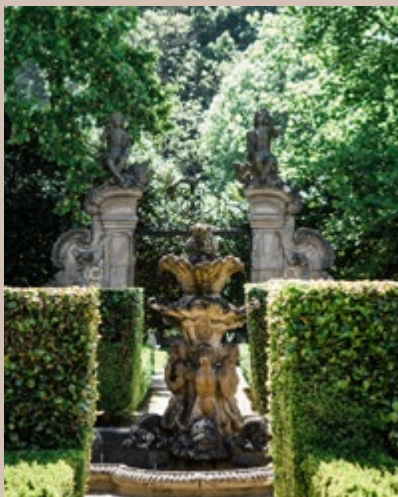
Em todo o lado é possível contemplar. Mas há certos locais que nos transportam quase de imediato para um plano de contemplação: porque são bonitos, porque são silenciosos, porque são relaxantes ou simplesmente porque nos despertam para outros estados de espírito. Escolhemos cinco templos de contemplação para aqueles momentos em que precisas de espaço para parar, pensar, ler ou simplesmente estar.

# NTEMPL



# JARDIM DO MUSEU DOS BISCAINHOS

Rua dos Biscainhos





Ao caminhar pela Rua dos Biscainhos, mesmo no centro de Braga, não adivinhamos o tesouro que se esconde do outro lado do muro. Com uma área de um hectare, nos jardins do Museu dos Biscainhos encontramos alegretes, fontes e esculturas barrocas, um traçado labiríntico, canteiros floridos e o espaço necessário para que fauna, flora e fungos encontrem ali o seu habitat natural. Quando visitares os jardins, não te esqueças de admirar o maior tulipeiro de Portugal, uma árvore majestosa de 27 metros, que conta com uns respeitáveis 270 anos de idade.

# PRAIA FLUVIAL DO CAVADINHO

Crespos



Banhada a norte pelo Rio Cávado, Braga possui um conjunto de praias fluviais particularmente apetecíveis nos meses quentes de verão. Mas, se o desafio é contemplar, a praia fluvial do Cavadinho é ponto obrigatório. Começamos por descer cruzando o arvoredado, escutando ao longe o rio que serpenteia por entre penedos. Lentamente, a paisagem revela-se convidando quem chega a repousar perto das águas. O que hoje é um espaço de lazer, foi outrora também lugar de trabalho. Toma o caminho da beira do rio para descobrires as antigas azenhas de moagem de cereais para fazer o pão.





# SANTA MARTA DAS CORTIÇAS

Monte da Falperra, Esporões

A Capela de Santa Marta das Cortiças pode parecer pequena em tamanho e simples em aparência, mas à sua volta esconde-se uma das vistas mais bonitas sobre os vales do Cávado, do Ave e do Este, das cidades de Braga e de Guimarães e, ao longe, Barcelos, e as Serras do Gerês e do Marão. Por vezes, contemplar é isto: afastarmo-nos um pouco, para ver tudo com mais clarividência. Se para ti contemplar anda de mãos dadas com o ato de caminhar, o trilho de Santa Marta das Cortiças inicia-se ali e segue por belíssimas paisagens até à Igreja Paroquial de Esporões.







# SALÃO DOURADO DA BIBLIOTECA PÚBLICA DE BRAGA

Largo do Paço



Avancemos agora para o interior: o nosso, desde logo, mas um dos interiores mais preciosos da cidade. No Salão Dourado da Biblioteca Pública de Braga descobrimos como o silêncio pode estar rodeado de vozes singulares. Tanto assim é, que o salão recebe ao centro um banco vermelho que te convida a sentar e a escutar. À tua volta estão livros manuscritos, partituras, cartografias, publicações periódicas de naturezas várias e de diferentes épocas. Fecha agora os olhos e procura ouvir estas vozes que já não falam, mas antes se eternizaram no papel. Um livro é sempre um símbolo da nossa eternidade e efemeridade.



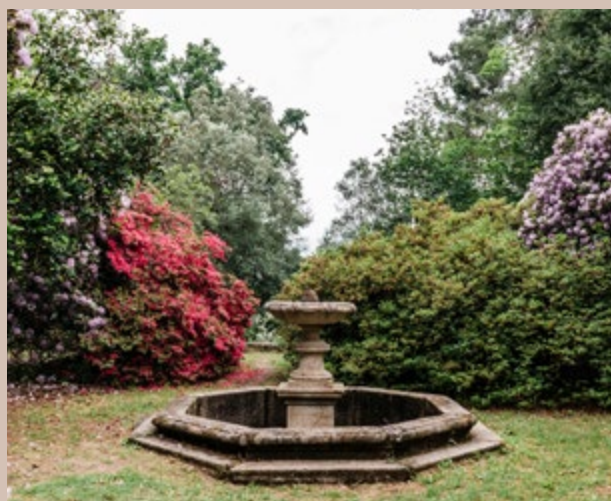


# ESCADÓRIO DO MOSTEIRO DE TIBÃES

Mire de Tibães

O caminho em direção ao céu começa com um chafariz, seguido por sete fontes, que representam as sete virtudes: quatro Cardeais – Prudência, Justiça, Fortaleza e Temperança; e três Teologais – Fé, Esperança e Caridade. O escadório do Mosteiro de Tibães é um templo de contemplação desde a sua criação, construído para esse mesmo propósito em 1731-34. Logo à entrada deparamo-nos com bancos de pedra lavrada que nos convidam a sentar e a escutar o som da água e das aves. A partir daí és tu que defines o tempo que demoras a subir em direção ao topo do escadório, onde encontras a Capela de São Bento, padroeiro da Europa.





# QUE OUTROS TEMPLOS DE CONTEMPLAÇÃO CONHECES?



Usa os espaços em branco para os teus templos de contemplação de Braga. Fotografá e escreve algo sobre os teus refúgios na cidade.



ATRÁS DE UMA  
MONTANHA  
ESTÁ OUTRA  
Maria  
Ondina Braga



E vou agora contar uma história onde, pelo 13 de Junho, meu pai cumpria uma devoção. Festa, aliás, parecida à do presépio, mas num altar em forma de gruta, um ingénuo e bucólico trono com velas de cera, cravos e manjerição.

Tão amigo, meu pai, do Taumaturgo, que, para o quarto do filho varão, encomendara ele de Espanha uma escultura moderna: o fradinho ajoelhado num castelo de nuvens, um lírio na mão direita, o Deus Menino ao colo.

Que em casa de minhas tias paternas havia outro Santo António mas barroco, de vestes douradas.

Minha mãe trouxera também consigo o Padroeiro de Portugal. Este, todavia, de cruz em punho e o Menino sentado no livro aberto, o que significava boda segura, satisfação.

Que o Santo, para fazer aparecer objectos perdidos e evitar desgrças que se adivinhavam, bastava rezar-se-lhe o responso:

*Se milagres desejais  
Recorrei a Santo António  
Vereis fugir o demónio  
e as tentações infernais.*

E não só isso, não. Os pescadores, por natureza piedosos, a recorrerem a ele aquando das tempestades marítimas:

*No auge do furacão  
Cede o mar embravecido...*

E os lavradores com doenças no gado, rebanhos e criação. E se uma vaca a parir e o tourinho em apuros, acendia-se a lamparina e a noite inteira a rezar: *Santantoninho!*

Tão terna lá em casa a devoção a esse Doutor da Igreja e no entanto jamais me recordo de ouvir implorar o seu auxílio em caso de extravio. A chave do cofre das despesas diárias ou até a da porta da rua. E minha mãe, por sinal, muito atreita ao sumiço dos óculos de ver ao perto, e a tia Glória a caixa das pastilhas *Valda*. Responder, pois, a Santo António? Qual quê! Em horas dessas, um outro advogado, igualmente divino, ainda que adventício. E o que mais espantava era, numa cidade como a nossa, raro aí alguém conhecer esse tal.

A gente, no entanto, lá em casa, uma reza rápida mas do coração:

*São Tomaz de Villanueva  
Foste bispo e arcebispo  
Permiti que me apareça (explicava-se)  
Pelas chagas de Nosso Senhor Jesus Cristo!*

E logo as coisas a aparecerem tão depressa e tão perto que nem que nos tirassem uma venda dos olhos: as chaves, os óculos, a caixinha das cápsulas, e mesmo dinheiro, ouro, ou documentos e cálculos da escrivãzinha do pai que era guarda-livros.

Eu própria, na escola, um certo dia toda atrapalhada: «Meu Deus, onde teria posto a caneta? Não a vejo, não posso escrever o ditado...» A fungar de riso, a companheira num sussurro: «Minha avó reza o responso a Santo António.» Fazendo, então, de conta, eu de mim para comigo: «São Tomaz de Villanueva...» E não é que a caneta, zás, ali à vista ao lado do tinteiro?

Esquisito, todavia, na nossa família, nem novos nem velhos fazerem sequer ideia de quem seria esse bem-aventurado milagreiro. *Foste bispo e arcebispo...*

*Pelas chagas de Nosso Senhor Jesus Cristo.* E nada mais era preciso. Nada senão da nossa parte uma crença, e da parte do Santo a prova da virtude.

Nunca mesmo assim me conformei com semelhante ignorância. Dava até a impressão de uma prece profana. Como se se tratasse de crendices, sei lá, feitiçarias. Quanto mais um santo sem lugar no culto litúrgico, sem memória, sem festa... Verdade, porém, que ele existia e devia estar lá em cima, à direita de Deus Padre, ou a sua intervenção não nos viesse através do sobrenatural: «Pelas chagas de Nosso Senhor Jesus Cristo.»

Contraditório, contudo, aquele seu dom de descobrir o oculto quando a sua própria pessoa um sigilo, uma sumição.

De qualquer forma, o mistério de S. Tomaz de Villanueva foi crescendo pouco a pouco comigo. A tal ponto que, já meio moça, não deixava de indagar informações, embora em vão. Com efeito, ninguém na minha terra ouvira desse bispo e arcebispo, e muito menos de ele realizar os milagres do mundialmente conhecido Santo António de Lisboa. Criaturas que até se riam de mim: «O quê? Um espanhol? Ora! O nosso, sim, que o nosso é o único! Manias. Superstições.»

Até que uma tarde, nas férias grandes, eu a entrar na igreja do Pópulo – preciosos os azulejos do Pópulo, qual os de São Vicente e de São Victor –, e uma senhora idosa ali a arranjar os altares. Toda desembaraçada a dama a estender toalhas de linho, a pôr flores nas jarras, e a tomar-me por turista, a velhota. Turista portuguesa, claro. E, como eu, na altura, trazia óculos escuros e debaixo do braço uma revista de arte sacra, dera-lhe decerto essa impressão. Assim, ela a aproximar-se de mim, muito simpática e mesureira:

—A menina é a primeira vez que vem a Braga, não? Será que lhe posso ser útil?

E sem esperar pela minha resposta, ei-la a pôr-me a par da fundação do templo. E seguidamente, pela nave acima, a desfiar os nomes dos santos e seus atributos.

—Esta é Santa Rita de Cássia, advogada de casos impossíveis. A ferida na testa foi um espinho que, numa das suas visões, Cristo lhe ofereceu da coroa que tinha na cruz. Aquele, S. João de Brito, fidalgo português...

E por aí fora.

São João de Brito, missionário, sofrera martírio na Índia, e pela sua excepcional humildade representavam-no com o traje da casta mais baixa da sociedade indiana. Santa Teresa d'Ávila, espanhola e Doutora da Igreja, devido ao extremoso amor que sentia pelo Altíssimo e à sua própria cultura, figuravam-na com uma seta a trespassar-lhe o coração, e na mão uma pena e um livro. E outros santos. Muitos. Além de crucifixos, relíquias, ex-votos, sepulturas. Mostrava-me tudo, a minha amável guia.

Até que pedi licença para a interromper:

—Falou de Santa Teresa. De Teresa d'Ávila. É que eu interesse-me por um santo também espanhol desconhecido entre nós.

E nomeei S. Tomaz de Villanueva.

—Ah! – exclamou ela. —De verdade? Que eu, desde muito nova, sou uma fiel devota do grande santo.

Pegava-me na mão.

—Olhe, não será assim tão desconhecido, S. Tomaz, porque está ali. Lá em cima, no altar-mor! Aquele de mitra e capa de asperges! Muito querido, esse santo, entre os espanhóis que o apelidam de «Pai dos Pobres».

E acabou por me contar como soubera do dito santo e seus milagres a favor das coisas perdidas. Aquando da República, as ordens religiosas a serem expulsas do país. Ela, aluna de um colégio de freiras, pediu aos pais que a deixassem acompanhar as mestras para o exílio. Ela e outras mais, uma dúzia de meninas que, atravessando a fronteira, se fixaram num



instituto da mesma ordem em Tui. E não é que, lá, as monjas espanholas, quando do descaminho, por exemplo, de um livro de orações, ou mesmo do gato – importantíssimos os gatos, ali, nessa época, por causa dos ratos que roíam os círios na sacristia. As freirinhas, a responsarem a S. Tomaz de Villanuela: *Foste bispo e arcebispo / Fazei com que apareça... Pelas chagas de Nosso Senhor Jesus Cristo!*

Perguntava-me, agora, se minha mãe não teria nessa altura passado também para algum colégio em Espanha, visto aquele fervor pelo santinho castelhano.

—Não. Isso não. Minha mãe nunca frequentou colégios de freiras, colégios de meninas ricas.

Só se alguma das suas primas, essas, sim, bem podia ser que lhe ensinassem a oração. O certo era que sempre, lá em casa, se evocava S. Tomaz de Villanueva, e as coisas apareciam num abrir e fechar de olhos. Mas o que eu nunca imaginara era que o santo se encontrasse ali perto, na igreja do Pópulo.

E sentámo-nos num banco. Encantadas, as duas. Eu por ter finalmente descoberto um tal mistério. Ela por mo haver desvendado.

Chamava-se Laura, a minha cicerone, era catequista na sua paróquia, e também muito dedicada ao Patrono de Portugal, tão milagroso que o Papa Leão XIII o intitulara De Todo o Mundo. Nem admirava. Ele a pregar aos peixes, uma vez que os homens não o queriam ouvir. E os peixinhos – milagres dos milagres! – a virem à tona de água para o escutar. E o seu dom de estar ao mesmo tempo em várias partes?! Em Pádua, ele a ver o que acontecia na Pátria com o seu pai preso inocente. E sem sair de Itália, a apresentar-se em Lisboa para o defender no tribunal. Já sem falar da sua proteção às moças solteiras que o tinham por casamenteiro.

Como quer que fosse, ela habituara-se, em Tui, a S. Tomaz de Villanueva para achar o que perdera, e hoje dava-lhe até bastante trabalho visto sofrer de falhas de memória.

E contou de certa ocasião, acolá, na igreja, completamente esquecida de onde pusera a chave que o sacristão lhe emprestara, bastara-lhe levantar a cabeça para o altar-mor e fitar o venerável bispo. Pronto! «Não é que a chave aqui, na palma da minha mão? Juro.» Benzia-se.

E despedimo-nos.

Eu a lembrar-me de minha mãe, de um lado para o outro, aflita, à procura dos óculos para ler: «S. Tomaz de Villanueva...» E as cangalhas, *Laus Deo!*, acavaladas, as cangalhas, na cana do nariz.

Dando meia volta, D. Laura tornou:

—E quem sabe se o santo espanhol não aprendera com o nosso essa ciência?

Que muito embora Santo António viesse à luz na capital portuguesa três séculos antes de S. Tomaz em Villanueva de los Infantes... Não achava eu que ambos, para serem santos, deviam ter estudado pela mesma cartilha?

Sorria, brincalhona.

—Que, enfim, minha amiga, lá reza o ditado: «Atrás de uma montanha está outra.»

«Atrás de uma montanha está outra», in *Vidas Vencidas*.

Braga, Maria Ondina (2022), *Obras completas de Maria Ondina Braga – Autobiografias ficcionais (vol.1)*;

Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, pp. 392-396.

criação

# O teu espaço em branco



Chegou o Tempo da Criação. Agora que estamos no fim desta revista e que já nos conhecemos melhor, desafiamos-te a usar este espaço para desenhar, pintar, escrever, compor, colar, criar. Não te preocupes com a síndrome da página em branco. Às vezes, basta um simples ponto para afastarmos os nossos medos, as nossas dúvidas, as nossas inseguranças. Um ponto de contemplação.

CONTEMPLAÇÃO

CAPITA

EU

DA

CU

2

0

L  
ROPEIA

LTURA

2 7

## A INICIATIVA

A Capital Europeia da Cultura (CEC) é uma iniciativa com 35 anos de história que foi desenhada para celebrar a riqueza cultural e a diversidade da Europa. É um dos projetos da União Europeia com maior reconhecimento internacional e nasceu em 1985 a partir da iniciativa de uma mulher, Melina Mercouri, então Ministra da Cultura grega. A ideia consiste em colocar as cidades no centro da vida cultural da Europa. Através da cultura e das artes, as Capitais Europeias da Cultura trazem uma melhoria na qualidade de vida das cidades vencedoras, ao mesmo tempo que reforçam o seu sentido de comunidade. Os cidadãos passam a ser os principais atores no desenvolvimento da sua cidade e da sua expressão cultural. Quando uma cidade se torna Capital Europeia da Cultura refresca a sua vitalidade e desenvolve-se cultural, social e economicamente.

Esta é também uma oportunidade de as cidades olharem para si próprias, procurando realçar aquilo que têm de bom e regenerar o que nelas existe de menos positivo. A regeneração urbana fundada na criatividade atrai visitantes e o reconhecimento internacional aos territórios. Mas há mais: as Capitais Europeias da Cultura destacam a riqueza da diversidade cultural europeia e devolvem um olhar fresco sobre a história e o património que partilhamos. Promovem a compreensão mútua e mostram como a linguagem universal da criatividade é uma forma de a Europa se abrir a culturas de todo o mundo.

A Comissão Europeia estipulou que, em 2027, uma cidade em Portugal e outra na Letónia serão Capital Europeia da Cultura. O processo de seleção já decorreu na Letónia e já sabemos que Liepāja será Capital Europeia da Cultura em 2027. Em Portugal, foram 12 as cidades portuguesas que em novembro do 2021 submeteram o seu dossier de candidatura: Aveiro, Braga, Coimbra, Évora, Faro, Funchal, Guarda, Leiria, Oeiras, Ponta Delgada, Viana do Castelo e Vila Real.



## BRAGA É UMA DAS 4 CIDADES FINALISTAS

Braga está na fase final de candidatura a Capital Europeia da Cultura 2027. É uma das quatro cidades apuradas, juntamente com Aveiro, Évora e Ponta Delgada. Com o tema *Tempo de Contemplação*, o dossier de candidatura de Braga a Capital Europeia da Cultura 2027 reclama a urgência de termos tempo para pensar, contemplar o que nos rodeia, respirar fundo e só depois passar à ação, agindo em sintonia com a arte, com a comunidade, com a natureza, e com a Europa.

As quatro cidades selecionadas estão neste momento a redigir um segundo dossier de candidatura, mais completo e alinhado com as recomendações do júri internacional responsável pela avaliação do processo. Este documento deverá ser submetido até ao dia 21 de outubro de 2022.

Após a entrega do dossier final, terá lugar uma nova audiência com o júri internacional, sendo que a de Braga está marcada para a manhã de 6 de

dezembro de 2022, em Lisboa. Antes disso, alguns membros do júri farão uma visita de um dia às quatro cidades pré-selecionadas com a finalidade de obter mais informações sobre as respetivas propostas. A visita a Braga está marcada para o dia 30 de novembro de 2022. No dia 7 de dezembro, durante a tarde, será conhecido o nome da cidade portuguesa que irá receber o título de Capital Europeia da Cultura em 2027.

# ESTAMOS A TRABALHAR NESTA CANDIDATURA DESDE 2018

A apresentação oficial da candidatura de Braga a Capital Europeia da Cultura 2027 foi feita em novembro de 2020 e contou com o apoio do Município do Porto e do Governo Regional da Galiza. Mas não foi aí o princípio desta caminhada.

Estamos a trabalhar nesta candidatura desde 2018, momento em que iniciámos um processo de auscultação à população de Braga para juntos desenvolvermos a Estratégia Cultural de Braga 2020—2030. Fizemos entrevistas individuais e *focus groups*, organizámos atividades pensadas para envolver a comunidade, conversámos com artistas, agentes culturais, associações, comerciantes, cidadãos anónimos e bracarenses de diversas áreas de intervenção. Tudo para reunirmos as vozes da cidade e com elas prepararmos uma estratégia cultural para a década de 2020—2030.

A Estratégia Cultural de Braga identifica a cultura como um dos pilares de desenvolvimento sustentável de uma cidade. É ela que está no centro desta reflexão. Mas não só, porque vive e cresce do equilíbrio entre cultura, economia, inclusão social, ambiente, entre outros eixos de desenvolvimento e planeamento estratégico de cidade. Este é também um documento orientador para uma transformação cultural que queremos que aconteça antes, durante e depois de 2027. A estratégia acompanha e contribui para o processo de candidatura da cidade a Capital Europeia da Cultura, mas cresce independentemente de o título ser atribuído a Braga.

A Estratégia Cultural de Braga 2020—2030 foi aprovada em Assembleia Municipal em outubro de 2020 e destacamos duas ações que decorrem já da sua implementação:

**Saber fazer** Ciclo de formações gratuitas para o setor cultural e criativo de Braga que teve início em 2021 e continua a propor formações regulares em diferentes áreas, como *Produção de Eventos Culturais*, *Comunicação Cultural* ou *Fiscalidade e segurança social dos artistas e associações culturais*. Estas ações de capacitação são pensadas especificamente para artistas e agentes culturais do território.

**Descentrar** Programa de atividades culturais que acontecem em diferentes freguesias do concelho em locais com valor patrimonial cultural e natural. Com dois espetáculos gratuitos, um de circo contemporâneo e um de música, o Descentrar convida os habitantes de Braga a conhecerem melhor o seu território e, quem sabe, novos lugares de contemplação.

# FASE DE PRÉ-SELEÇÃO DA CANDIDATURA A CEC

Após a conclusão da redação da Estratégia Cultural de Braga 2020—2030, a equipa da Braga'27 iniciou a escrita do primeiro dossier de candidatura, entregue a 21 de novembro de 2021, um documento técnico de 60 páginas que respondeu a um conjunto de questões elaboradas pelo júri internacional, orientadas pelos seis tópicos que enumeramos abaixo.

A avaliação também foi feita através de uma audiência com o júri que decorreu no Centro Cultural de Belém, em Lisboa, a 8 de março de 2022 e reuniu um conjunto de cidadãos de Braga: artistas e personalidades ligadas a entidades culturais, académicas e turísticas da cidade, bem como elementos da equipa da candidatura e o Presidente da Câmara Municipal de Braga.

## **1. Contribuição para a estratégia de longo prazo**

Neste tópico, o júri avalia a criação e implementação da estratégia cultural de cada cidade e o impacto cultural, social e económico que uma iniciativa como a Capital Europeia da Cultura traz para a cidade a longo prazo. É também avaliada a forma como será medido este impacto em termos de acompanhamento e monitorização, o que comumente chamamos de legado da Capital Europeia da Cultura.

**2. Conteúdo cultural e artístico** Neste tópico, o júri procura entender a visão artística para o programa cultural de 2027, bem como a sua estrutura. Ou seja, o dossier deve enumerar e explicar as atividades e eventos pensados para o ano do título, juntamente com as parcerias nacionais e internacionais que contribuirão para a sua implementação.

**3. Dimensão europeia** O tópico da dimensão europeia reforça algo que deve estar presente em todo o documento: esta é uma iniciativa europeia que cria e reforça pontes entre a cidade que acolhe o título e todo o continente e o mundo. Pretende-se que uma Capital Europeia da Cultura seja um ano de grandes ligações internacionais, onde operadores culturais, instituições e a população em geral aprendem a trabalhar em rede europeia, fomentando intercâmbios, residências, troca de experiências e de culturas. E que essas pontes perdurem para lá de 2027.

**4. Alcance** O júri procura neste tópico avaliar o envolvimento da população em geral no processo de candidatura, que se quer participado. É também aqui que é preparada uma estratégia de envolvimento de públicos pertencentes a grupos marginalizados e desfavorecidos, procurando com o título gerar uma transformação positiva na cidade e no seu tecido social. Há também uma atenção particular a jovens e à comunidade escolar, uma vez que estes serão adultos e potenciais públicos da Capital Europeia da Cultura.

**5. Gestão** Neste tópico, o júri procura entender com detalhe o orçamento previsto para a implementação da Capital Europeia da Cultura, bem como a estrutura organizacional da entidade que vai concretizar a iniciativa. É também aqui que surgem questões relacionadas com o plano de contingência (antecipar desafios futuros que possam dificultar a implementação da CEC) e com o plano de comunicação e marketing.

**6. Capacidade de execução** O júri pretende neste tópico encontrar evidências de que a candidatura reúne um amplo consenso político não apenas na cidade, como entre as principais entidades regionais e nacionais. É também aqui que a cidade candidata deve provar que tem ou terá a infraestrutura adequada para acolher o título, desde equipamentos culturais até infraestruturas hoteleiras para receber um elevado número de visitantes.

## O QUE ACONTECE SE FORMOS? E SE NÃO FORMOS?


Se formos recomendados para acolher o título de Capital Europeia da Cultura 2027, primeiro fazemos uma grande festa! Depois, iniciamos um ciclo de quatro anos de intenso trabalho de preparação.

A implementação da CEC começa logo após o anúncio e é pautada pela aplicação prática do dossier de candidatura, que serve de guia para a preparação do ano do título. É que alguns projetos do programa cultural têm início logo a partir de 2023 e é necessário que tenham todas as condições para se desenvolverem. Também a construção e a reabilitação de infraestruturas que acolherão os eventos da Capital Europeia da Cultura devem estar prontas em 2027, o que implica que os trabalhos decorram de forma gradual até à data da iniciativa.

O júri internacional virá regularmente a Braga para acompanhar a implementação do projeto, que deve manter-se fiel ao que foi apresentado no dossier de candidatura. No final desta fase de acompanhamento, o júri emite um relatório que servirá de base à decisão da Comissão Europeia de atribuir ou não à cidade o prémio Melina Mercouri, no valor de 1,5 milhões de euros.

A equipa também terá de crescer. A equipa de missão constituída para esta fase de candidatura é necessariamente pequena para implementar um projeto de muito grande escala, como é a Capital Europeia da Cultura. Assim, a partir de 2023 seremos mais. Até nos arriscamos a dizer que vamos precisar de todos os bracarenses para concretizar com sucesso esta iniciativa!

Se o título não for atribuído a Braga, estamos já a criar condições para implementar pelo menos uma parte dos projetos presentes no programa cultural, sobretudo aqueles que produzem efeitos mais transformadores em termos de legado: projetos de capacitação, projetos de comunidade e projetos de transformação social e urbana. Seremos também os primeiros a felicitar a cidade vencedora e a promover uma visita em 2027 para festejarmos a Capital Europeia da Cultura juntos, celebrando a diversidade e a riqueza cultural de Portugal e da Europa.

A person is seen from behind, wearing a black t-shirt. Their hair is black with white streaks, pulled into a ponytail. The t-shirt has the text "Love you in the future" printed in white cursive. A white strap is visible over their right shoulder. The background is a blurred outdoor setting with trees and buildings.

*Love you in the future*

COORDENAÇÃO DA EQUIPA  
DE MISSÃO  
Cláudia Leite

COORDENAÇÃO EXECUTIVA  
E DO PROGRAMA  
Joana Meneses Fernandes

COORDENAÇÃO DO PROGRAMA  
DE PARTICIPAÇÃO E PÚBLICOS  
Ana Bragança

PARTICIPAÇÃO, PÚBLICOS  
E PRODUÇÃO  
Cláudia Cibrão

COOPERAÇÃO EUROPEIA  
E INTERNACIONAL  
Tiago Azevedo

COORDENAÇÃO DE COMUNICAÇÃO  
Carolina Lapa

COMUNICAÇÃO E ESTRATÉGIA  
DIGITAL  
Mariana Volz

ASSISTENTE DE RELAÇÕES EXTERNAS  
Natacha Correia

CONSULTORA DA CANDIDATURA  
Cristina Farinha

CONSULTOR PARA O PROGRAMA  
ARTÍSTICO E PARTICIPAÇÃO  
Hugo Cruz

CONSULTORA PARA A COOPERAÇÃO  
EUROPEIA E INTERNACIONAL  
Eva Gräffer

DESIGN EDITORIAL  
Design by OOF

FOTOGRAFIA  
Lais Pereira

IMPRESSÃO  
Gráfica Nascente

TIRAGEM  
4000 exemplares

PROMOTORES  
Município de Braga  
Teatro Circo de Braga, EM SA

CONTACTO  
info@braga27.pt

Julho 2022

[www.braga27.pt](http://www.braga27.pt)



**Teatro Circo de Braga  
EM, S.A.**

Cofinanciado por





# braga'27

